

OS ATAQUES ÀS ESCOLAS BRASILEIRAS E A NECESSIDADE DE DIÁLOGO E LIMITE NA FORMAÇÃO HUMANA¹

Geovana de Nazaré de Abreu Ferreira²

Raimunda Lucena Melo Soares Orientadora do Trabalho³

RESUMO

O presente trabalho trata da violência nas escolas do Brasil, situação essa que deixou o país em estado de alerta. Tem como principal objetivo compreender a violência manifestada nas ameaças às escolas brasileiras atualmente e a contribuição da pedagogia de Freire para reduzir esse problema. Constituíram o suporte essencial para compreender o problema, inclusive a possibilidade de minimização do mesmo, o pensamento de Charlot (2002) e de Freire (1987; 1992; 1996) bem como as notícias, especialmente de jornais a respeito do problema. Bernard Charlot ajuda significativamente do ponto de vista conceitual, pois trata do conceito da violência escolar e de suas múltiplas manifestações. Freire contribui para a redução do problema com sua proposição de educação dialógica fundada na decência e no diálogo esse que é fundamental e só existe em decorrência do amor aos homens e ao mundo. Uma educação capaz de entender que o ensino consiste em um ato criador e crítico. Concluímos que diante da escalada de casos de ataques em escolas no Brasil inteiro no início desse ano, é necessário olhar de forma mais reflexiva sobre a prática educativa no País, realizar um esforço no sentido de efetivação do desenvolvimento de uma escola capaz de atrair o estudante para o prazer do envolvimento com o conhecimento, assim como de propiciar e manter um ambiente educacional mais fraterno, uma vez que com isso colaboramos para a erradicação de movimentos que pregam a violação dos direitos dos sujeitos.

Palavras-chave: Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema social, mas também cultural, educacional, ético, moral, e até de saúde pública. Trata-se de um problema complexo, de ocorrência frequente e diversificada no âmbito social. Essa diversificação indica vários sentidos, que vão desde o emprego da força física, ao constrangimento moral ou físico, bem como à restrição da justiça e ao exercício ilegal de poder. Isso parece dificultar a compreensão dos sujeitos a respeito de tão

¹ Trabalho apresentado com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará, e desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão Relações Pedagógicas e Epistemológicas a partir das Concepções Filosóficas, no Processo de Formação do Pedagogo.

² Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia. Faculdade de Educação. Instituto de Ciências da Educação. Universidade Federal do Pará. E-mail: geovana.ferreira@iced.ufpa.br

³ Professora orientadora:Doutora. Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. E-mail: rlvida@hotmail.com

sério problema, com consequências tão graves a ponto causar prejuízos à saúde física, emocional e psíquica do sujeito vitimado pela violência.

Essa diversificação possibilita falar da violência contra a mulher, violência sexual e psicológica, violência étnica e racial, violência de gênero, violência doméstica e violência conjugal, por exemplo. Fato é que a violência se expressa de diversas formas e ocorre em diferentes lugares. Em qualquer lugar as pessoas podem ser atacadas, sofrer ameaças, hostilidade, intimidação, repressão, perseguição e injustiça.

As escolas, como ambientes sociais não estão imunes à presença da violência. E são diversas as maneiras como essa ocorre, desde o assédio, as discriminações, ao bullying. Nota-se uma carência de diálogo, um crescimento de animosidade e de relações conflituosas entre os estudantes.

Mediante a complexidade com que a violência se instaura nas escolas Vinha (et., al, 2023) aponta três tipos de violência: as decorrentes das relações estabelecidas na escola, como o bullying, por exemplo, as consequentes dos agentes institucionais e as resultantes da invasão do tráfico de drogas e roubos e por fim os ataques às escolas.

Seja como for, a violência em ambientes escolares é um fenômeno que vem apresentando progressão nas últimas décadas no Brasil. Os primeiros meses de 2023 foram marcados por uma sequência de massacres que outrora não eram cotidianos no país e que deixaram a comunidade escolar em alerta. De acordo com uma pesquisa divulgada pelo órgão não governamental Instituto Sou da Paz, até o último bimestre de 2022 o Brasil havia registrado o total 12 ataques violentos em escolas no país, um dos casos mais noticiados era o de Realengo, que vitimou mais de 10 estudantes em uma escola pública carioca em 2011. Esse quantitativo é baixo quando se leva em consideração o espaço de tempo entre os crimes, os ataques destacados no estudo ocorreram dentro de 20 anos.

Os levantamentos realizados pelo órgão ainda indicam que os casos saltaram nos últimos 4 anos, e em 2023 foram registrados até o mês de maio o total de 6 casos, acendendo um alerta de toda a sociedade para um problema outrora visto apenas como um fantasma distante. Os registros de violência escolar no Brasil surgem no ano de 2002, o primeiro caso ocorre na capital Baiana, do primeiro caso até os dias atuais se passaram 21 anos e esse tipo de crime já registra 23 casos, essa crescente pode ser o produto de um acesso massivo e indiscriminado a redes de ódio que circulam na internet, além também da crescente disseminação de discursos que fomentam a violência.

A escola é um ambiente de formação humana, e o primeiro espaço após a família que leva os sujeitos ao convívio social, deste modo, refletir a materialização da violência a partir de ameaças e ataques dentro do cotidiano de escolas e creches se faz relevante, haja vista que o principal motor para a constituição de uma sociedade mais humana é a educação. Freire (1996) diz que educar é, também, formar, sendo assim o papel do professor se estende ao campo de instruir estudantes para a vida em sociedade, sendo estes sujeitos éticos e empenhados em constituir a cultura da paz.

Mas o que dizer, mediante tanta violência, inclusive nos meios escolares? Como não se inquietar com essa realidade? É justamente essa inquietação que permeia esse estudo. De modo que se pensou os seguintes problemas de pesquisas: Como ocorre a violência nas escolas, especialmente no Brasil? Que tipos de violência assolam as escolas? Que contribuições se pode dar para a superação do problema da violência nas escolas?

O presente trabalho tem como principal objetivo compreender a violência que se manifestou nos ataques e ameaças as escolas no Brasil e a partir disso, pensar a educação enquanto instrumento de formação humana construindo limites durante esse processo.

Com esse objetivo em vista e para nortear esse estudo, em termos metodológicos realizou-se um estudo bibliográfico que utilizou como referência os escritos de Bernard Charlot (2002), sociólogo francês que trata do conceito de violência e violência escolar, compreender esse fenômeno é fundamental para visualizar o lócus em que a intervenção deve ser feita, para agir. Destaca-se ainda, o pensamento de Paulo Freire (1987; 1992; 1996), que fundamenta a perspectiva de uma educação dialógica como tentativa de atenuar o problema na formação humana que inclina diversos meninos e meninas a serem aliciados por narrativas de ódio e discriminação. Os estudos desses dois clássicos são o pilar para a fundamentação do trabalho, entretanto, outros estudos como o de Vinha (et., al, 2023) e notícias veiculadas por meios digitais e estudos secundários realizados por órgãos independentes ajudam a pensar este problema no contexto atual.

Para discutir a problemática em questão, foi realizada uma pesquisa de títulos que tratassem do tema de modo a acrescentar a discussão. Para tanto, foram utilizados os seguintes descritores: “ataques na escola” e “violência escolar”, tanto na plataforma CAPES como no Banco de Teses e Dissertações (BDTD). Nessa busca foi encontrado apenas um breve trabalho que aborda a temática, isso consiste em um indicativo de que o tópico ainda é pouco explorado dentro do campo científico, pelo menos nesses dois ambientes. Na procura por artigos que tratassem do assunto, também foi realizada uma busca na página oficial do Fórum Brasileiro de Segurança Pública com o descritor “escola”, nesta plataforma em particular foram encontrados

64 resultados, porém apenas 4 tinham ligação com este estudo, esses artigos são importantes, pois despertam a consciência para a necessidade de um debate mais amplo sobre o tema. Além disso, foram consultados jornais que noticiaram ataques violentos às escolas.

O presente texto foi organizado em duas seções, além da introdução e da conclusão. A primeira discorre sobre a variedade de atos violentos ocorrido nas escolas. A segunda apresenta uma discussão direcionada a possibilidades de contribuições para a superação do problema da violência nas escolas, apesar das dificuldades encontradas nessa perspectiva

1 A VIOLÊNCIA, SUAS PARTICULARIDADES E A ESCOLA

O fenômeno da violência é corriqueiro no cotidiano de brasileiros e brasileiras há décadas, diariamente se assiste a jornais que têm como pauta prisões por narcotráfico, homicídios promovidos por milícias, garimpos que invadem terras que outrora eram sagradas para povos originários, assaltos, homicídios e tantas outras formas de violência. Entretanto, o que não se espera é que esse tipo de barbárie vá se materializar de forma tão massiva em um ambiente em que se busca conhecimento. Afinal, essa parece ser a finalidade maior de se ir à escola.

No Brasil, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, houve no ano de 2021 mais de 47 mil mortes violentas intencionais no país, este pequeno recorte demonstra o quanto o fenômeno da violência é banalizado e corriqueiro no cotidiano da nossa sociedade. Os últimos anos foram marcados por uma valorização extrema desta cólera social, no contexto globalizado em que vivemos, as mídias sociais dia após dia estampam nas manchetes de jornais casos que legitimam a violência como única saída para as mazelas provocadas por questões de falhas em políticas públicas sociais.

O grande destaque dado a discursos como “bandido bom é bandido morto” que fomenta a ideia de que a morte é a única saída para sujeitos em conflito com a lei. Um discurso que dissemina em outras camadas da sociedade o pensamento de que estar armado é sinônimo de proteção, este processo alimenta a necessidade de comprar armas, externalizando ainda mais a violência. Todo esse processo nos mostra mais uma vez um fato: a sociedade brasileira é uma sociedade violenta! Isso se reflete em diferentes espaços sociais, entre eles a escola, aqui entendida como espaço sociocultural, que se faz a partir das ações dos sujeitos que nela estão. Dentro dessa percepção, pensa-se que os sujeitos envolvidos nessa constituição são também os que convivem no seio social e por isso se constituem dele.

O ano de 2023 ficou marcado no Brasil devido a eclosão de diversos casos de ameaças e ataques violentos a escolas, aqui entendidas como toda e qualquer instituição que fomente o processo de ensino-aprendizagem, tal como Heck (2023) aborda em seu texto. A eclosão de crimes desse gênero ainda é pouco explorada no Brasil, mas no geral é associada a crimes de ódio e vingança dos autores para com a comunidade. Em grande parte dos casos, os suspeitos são alunos ou ex-alunos que são ou foram vítimas de bullying ou tem acesso a discursos que fomentam ações violentas e cometem os ataques visando se tornarem “heróis” dentro do seu nicho. Na internet há diversas camadas que estão longe de canais oficiais, a mais conhecida é a ‘deepweb’, neste espaço há a disseminação de crimes das mais diversas esferas e que passam despercebidos aos olhos de agentes oficiais do estado, e é exatamente neste espaço que se encontra parcelas significativas de indivíduos passíveis a alienação para posterior execuções de atos desse gênero.

Bernard Charlot (1996) atenta para o fenômeno da violência que, segundo ele é uma característica da agressão que implica no uso da força, do poder ou da dominação de um indivíduo sobre o outro. Dentro dessa concepção observa-se que em nosso contexto essa manifestação é cotidiana na sociedade, e se manifesta de formas diversas, as relações de domínio de um grupo sobre outro são explícitas e se apresentam de forma macro e micro. Dentro de ambientes escolares, por exemplo, há a presença de violências como racismo e incivildades entre o corpo escolar (professores e estudantes).

O trabalho de Charlot é fundante para a compreensão dos casos que aconteceram no Brasil nos últimos meses, isso porque segundo o autor, os casos graves de violência são resultados de pequenas atos cometidos no cotidiano, a esses atos o autor se refere como “incivildades”. A socióloga Valéria Oliveira também parte desse viés, e acrescenta que o acesso indiscriminado a conteúdos inapropriados também contribui para que haja um crescimento do pensamento de ações brutais. É importante destacar que atos externos a escola, também adentram a ela, quanto a isso o autor classifica como violência na escola, casos de brigas e até mesmo homicídios que se consolidam dentro de escolas são corriqueiros principalmente em bairros periféricos, há também, de acordo com Charlot, a violência à escola, esta atribuída a depredação do patrimônio estrutural.

A violência expressa em casos de ataques e ameaças às escolas do nosso país tem também relação com outros casos parecidos que ocorrem principalmente nos EUA. O mais famoso é o massacre de Columbine que ocorreu em abril de 1999, e parece servir ainda atualmente como forma de motivação e influência para crimes da mesma categoria, pois o modus operandi dos ataques no Brasil seguem a mesma linha do crime americano. No Brasil,

os casos de Realengo (2011); Suzano (2019) e Aracruz (2022) têm o mesmo seguimento: a utilização de armas de fogo, balaclavas e símbolos que remetem ao neonazismo. Para alguns estudiosos, como por exemplo, Heck (2023) a explosão desses casos está inclusive ligada a discursos de supremacia facilmente encontrados em redes sociais e em camadas não indexadas da internet.

2 LIBERDADE, LIMITE E FORMAÇÃO HUMANA

Diante da escalada violenta, que foi amplamente noticiada, o Estado passou a tomar medidas com a finalidade de enfrentar o problema. Nesse sentido, grande parte da sociedade atribuiu ao sistema de segurança pública esse papel, rondas ostensivas dentro e nas imediações das instituições e até mesmo a criação de batalhões específicos para o atendimento escolar, em outros casos mais individuais houve a instalação de detectores de metal por parte da gestão escolar, de todo modo, todas as “soluções” para uma possível atenuação da situação anormal estavam de uma forma ou de outra ligadas a ideais punitivistas e pouco voltados para uma perspectiva de compreensão do fenômeno.

Ocorre que muitos são fatores que podem ser considerados como causa dos ataques às escolas, o que dificulta o estabelecimento de medidas suficientes para evitá-los. Vinha (et., al, 2023, p.12) afirma que se trata de “fatores interligados difíceis de identificar e estudar separadamente, impedindo a formulação de teorias ou modelos precisos. Ademais, os dados são insuficientes para análises aprofundadas, uma vez que são eventos raros e com acesso limitado às informações”.

Dos casos que aconteceram nos últimos anos, boa parte dos autores é composta por adolescentes ou jovens, todos nasceram dos anos 90 em diante, compreender as gerações atuais é um desafio comum a todos. Atualmente, a disponibilidade de telas como celulares, tablets, TV's e computadores com acesso livre a internet condiciona todos os diversos grupos sociais a uma conexão e necessidade contínua de informações instantâneas, com isso vão se tornando cada vez mais raras as interações físicas, o olho no olho, e pouco a pouco se esvai também as conexões reais entre amigos e até mesmo entre as famílias, e é nesse novo tipo de convivência, na supremacia da virtualidade dos contatos que se perde a proximidade e o conhecimento mais profundo e respeitosos com aqueles que estão realmente às proximidades. No fenômeno onde o perto torna-se longe e o longe perto, é possível verificar uma provável falha, que encaminha para desvios formativos.

Contudo, não se pode concluir que o que foi chamado acima de desvios formativos constituem a causa dos atos de violência, como já se disse esse é um problema complexo e é evidente que o estudo que se apresenta nesse texto está longe de esgotar a questão. Os autores apresentam diversos tipos de transtornos mentais que de acordo com Vinha (et., al, 2023, p.18) nem sempre são “diagnosticados ou tratados. É preciso, contudo, cuidado para não estigmatizar, posto que a questão envolve uma combinação de fatores complexos associados à leitura preconceituosa do mundo”. Costuma-se relacionar esses transtornos à psicopatia ou a esquizofrenia, por isso mesmo, a autora tem o cuidado de explicar que essa forma de violência pode ser um indicativo de “depressão, angústia, ansiedade, condutas autodestrutivas, sofrimento emocional acentuado e frequente, entre outros”.

Como já foi mencionado anteriormente nesse texto, é importante observar o pensamento de Freire (1996) quando compreende que a educação é inerente a formação humana e por isso deve ser dever da família e da escola, pois uma ação formativa realizada de forma conjunta, nesses dois espaços, apresenta maiores possibilidade de efetivar sujeitos mais humanizados e críticos, capazes de discernir com responsabilidade entre o certo e o errado no âmbito social, efetivando, assim o caráter ético da formação humana.

Durante entrevista em um podcast, a delegada Kelly Cesar, responsável por investigar casos como o de Suzano (2019), explicou que o trio arquitetou a ação tinha como desafetos parentes e pessoas próximas que ao observarem o comportamento diferente desses jovens, tentaram impor limites e desviar os impulsos para uma via mais positiva. Mas a resposta esperada não aconteceu. Sendo assim, se observa que a formação humana desses indivíduos esbarrou numa falha que acabou por resultar em um crime violento.

Em outro caso, o da Escola Thomazia Montoro (2023), a vítima fatal foi a professora que em alguns momentos orientou o algoz do crime e dias antes, separou um desentendimento entre ele e outro colega em um caso de racismo. Mais uma vez fica evidente, que o fator imagem de autoridade que vai contra os valores de quem comete os crimes pode contribuir para a construção de ataques e inclusive, se tornar alvo.

Mas como lidar com isso? É possível prescindir da autoridade no processo educacional? Para Freire (1996) a função do professor é, também, formar os sujeitos que estão na escola, não reduzindo o fenômeno da transformação do conhecimento ingênuo ao conhecimento elaborado, sendo assim é dentro desse contexto que educadoras e educadores se situam. Se o ensino for apenas a transferência de conteúdo como se um soubesse tudo e o outro nada, caracteriza-se uma educação bancária, que mecaniza os sujeitos e os limita a não utilizar sua “rebeldia” em prol de condições melhores no cotidiano escolar.

A partir do princípio freiriano de educação, pensa-se na necessidade de formar sujeitos mais interessados em transformar a agressividade comum aos seres humanos em atitudes de indignação perante as injustiças sociais, isso só pode acontecer a partir da quebra de paradigmas que promovem o que Freire (1996) chama de ensino bancário, essa forma de educação é muito estimulada dentro da sociedade neoliberal em que vivemos e acaba gerando sujeitos cada vez mais individualistas. Apesar disso, nem tudo se perde no processo educativo, pois ainda segundo Freire (1996): “Embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”.

Para Freire (1996) é fundamental proporcionar uma educação onde seja possível desenvolver a criticidade, com a clareza de que essa não pode se distanciar de uma formação ética, rigorosa. O autor compreende que a criticidade é vital para a compreensão do princípio de liberdade, bem como para resolver o problema da tensão entre a autoridade e a liberdade. Com a compreensão de que liberdade não significa licenciosidade, bem como ausência de autoridade. Por isso a importância de se discutir a questão dos limites essencial para impedir a perversão da liberdade em licenciosidade. Freire (1996, p. 40) entende que “liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada”.

Por se tratar de um princípio tão complexo, muitos filósofos discutem sobre o assunto, a exemplo pode-se citar Sartre (1987) e Mounier (1974) esses dois filósofos, cada um a seu modo discute as relações entre liberdade e responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração diz respeito ao entendimento de que o objetivo do estudo foi alcançado, bem como de que os autores que fundamentam esse trabalho são essenciais para a compreensão da violência que se manifestou nos ataques e ameaças às escolas no Brasil. Além disso, destaca-se a necessidade de pensar a educação enquanto instrumento de formação humana capaz de primar pelo desenvolvimento e liberdade humana, sem perder a clareza de que isso implica, por outro lado, construir limites durante o processo educativo.

Uma observação que se pode fazer acerca do tema é que a procura por trabalhos sobre a violência escolar e os ataques às escolas na plataforma CAPES e também no Banco de Teses e Dissertações (BDTD), levou a conclusão de que esse é um assunto ainda pouco explorado dentro do campo científico, e por sua vez, essa ausência abre margem para uma diminuta de ações que possam promover a cultura da paz em ambientes escolares e a atenção para a

necessidade de ampliação de produção de pesquisas sobre o assunto para que entendam os fatores que contribuem para a expansão de crimes dessa natureza. No entanto um link disponibilizado por ocasião de uma palestra disponível no youtube deu acesso a um relatório de pesquisa sobre o assunto, o texto é bastante esclarecedor.

A terceira consideração diz respeito a alguns elementos do estudo entre os quais se destaca a necessidade de compreensão de que a rebeldia é essencial ao surgimento do novo, mas não deve ser orientada para atos violentos. Destaca-se, ainda, a complexidade do problema da violência nas escolas e a dificuldade de solução decorrente, bem como a necessidade de aprofundamento das discussões a respeito. Como bem indica Vinha (et., al, 2023, p.13), esse é um problema que requer “políticas públicas e ações de enfrentamento e prevenção coordenadas e complementares de diferentes áreas e esferas”.

Não se pode perder a esperança na construção de um mundo melhor, sobretudo sem violência nas escolas. Contudo, “pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. (FREIRE, 1992, p.5).

Por fim, considera-se que diante do crescimento de casos de ataques em escolas no Brasil inteiro no início desse ano, é necessário olhar de forma mais reflexiva sobre a prática educativa no País, realizar um esforço no sentido de efetivar e manter um ambiente educacional mais fraterno e apaziguador. Nesse sentido, talvez a maior dificuldade seja a questão do adoecimento mental que em grande parte dos casos se torna o principal responsável por atos violentos em escolas no Brasil, que precise ser tratado com mais seriedade pelas autoridades, pois a escola é um ambiente rico na promoção do conhecimento e formação humana.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Socióloga vê a relação entre ataques às escolas e violências do cotidiano. Brasília, 1 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-05/sociologa-ve-relacao-entre-ataques-escolas-e-violencias-do-cotidiano> . Acesso em: 01 jun. 2023.

AGÊNCIA BRASIL. O Brasil teve 23 ataques a escolas; mais da metade nos últimos 4 anos. Brasília, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/brasil-teve-23-ataques-escolas-mais-da-metade-nos-ultimos-4-anos> . Acesso em: 05 jun. 2023.

FONTE SEGURA. A violência escolar e a função do batalhão de polícia <https://fontesegura.forumseguranc>. Acesso em: 22 conjuntos. 2023.

FONTE SEGURA. Massacres em escolas no Brasil. São Paulo, 22 set. 2023. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/massacres-em-escolas-no-brasil/> . Acesso em: 22 conjuntos. 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

CRIME S/A. At4qu3 à escola de Suzano – detalhes de todo caso. 25 maio 2023. Disponível em: <https://www.crimesa.com.br/ataque-escola-suzano/> . Acesso em: 25 de maio de 2023.

G1 BRASIL. O Brasil registrou 12 ataques em escolas nos últimos 20 anos, aponta levantamento. Rio de Janeiro, 12 maio 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/noticias/g1-brasil-registrou-12-ataques-em-escolas-nos-ultimos-20-anos-aponta-levantamento/> .

HECK, J. X. Violência e ataques às Escolas no Brasil: como chegamos a este ponto e como podemos sair dele? Revista Thema, Pelotas, v. 22, n. 1, p. editorial1, 2023. DOI: 10.15536/thema.V22.2023.Editorial1 Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/3361>. Acesso em: 25 jul. 2023.

HECK, J. X. Violência e ataques às Escolas no Brasil: como chegamos a este ponto e como podemos sair dele? Revista Thema, Pelotas, v. 22, n. 1, p. editorial1, 2023. DOI: 10.15536/thema.V22.2023.Editorial1 Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/3361>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. Tradução de João Bernard da Costa. Lisboa, Portugal: Moraes, 1974.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um humanismo. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

UOL. Ataque a escola em SP: na sema https://cultura.uol.com.br/noticias/57332_ataque-a-escola-em-sp-na-semana-anteri. Acesso em: 01 jun. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. A educação deve ser protagonista no combate à violência, defendem especialistas. Belo Horizonte, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/educacao-deve-ser-protagonista-no-combate-a-violencia-defendem-especialistas> . Acesso em: 05 jun. 2023.

VINHA, Telma [et al]. Ataques de violência extrema em escolas no Brasil [livro eletrônico]: causas e caminhos4 /– 1. Ed. – São Paulo: D3e, 2023. 5,94 Mb; PDF. Disponível em: <https://d3e.com.br/relatorios/ataques-de-violencia-extrema-em-escolas-no-brasil/>